

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM OS ENCONTROS CINEMATOGRAFICOS
4 de novembro de 2021

EL CASTIGO / 2012

de Nelson Fernandes

Realização: Nelson Fernandes / Música: Goldmund Browncoated (Unreleased) / Cópia: Ficheiros, a cores, sem diálogos / Duração: 3 minutos / Estreia Mundial: Festival Anima Mundi, Brasil, 2012 / Primeira apresentação na Cinemateca.

PATHS OF LIGHT / 2013

de Nelson Fernandes

Realização: Nelson Fernandes / Música: Pablo Rios (composição e orquestração), Orquestra Sinfónica de Kiev (interpretação) e Sixto Cámara (registo e mistura) / Cópia: Ficheiro, a cores, sem diálogos / Duração: 4 minutos / Estreia Mundial: 37.º Festival Internacional de Cine Independente de Elche, Espanha, 2014 / Primeira apresentação na Cinemateca.

NÓS / 2021

de Nelson Fernandes

Realização, Animação e Produção: Nelson Fernandes / Som: Filipe Santareno e Nelson Fernandes / Cópia: Ficheiro, a preto e branco, sem diálogos / Duração: 5 minutos / Estreia Mundial: Encontros Cinematográficos do Fundão, na Moagem, no dia 29 de Novembro de 2021 / Primeira apresentação na Cinemateca.

Com a presença de Nelson Fernandes.

A presente sessão inclui ainda a longa-metragem de René Laloux, **La Planète Sauvage** (1973), com folha distribuída separadamente.

Não assistimos aos filmes de Nelson Fernandes, antes vogamos neles. Deixamo-nos levar – e embalar – pelas imagens, um pouco como o animador, radicado no Fundão e natural do Marvão, empreende no seu trabalho um “corpo a corpo” com as imagens. Na entrevista concedida a Mário Fernandes, da organização dos Encontros Cinematográficos do Fundão, publicada no *Jornal do Fundão* (15 de outubro de 2021), Nelson conta como teve de “trabalhar muito para se verem esses minutos”, sublinhando o lado simultaneamente desafiante e até livre da animação a solo, mas também o sequestro levado a cabo por esse trabalho minucioso e devorador. Digo que sentimos nos filmes de Nelson o efeito desse trabalho árduo, porque, fundindo tema e forma, sente-se neles, por um lado, a dimensão artesanal (a mão vibrante que faz) e, por outro, a solidão do trabalho que lhe subjaz (o isolamento do “eu” por relação a um “nós”). Os filmes, de uma gama cromática dominada por tons grafite e térreos, em variantes de ocre, são introspetivos, melancólicos, habitados pela solidão e pelo sentimento de se estar fora deste mundo que os conjurou.

Na mesma entrevista, sobre essa nuvem em grafite triste e bela chamada **Nós**, Nelson descreve assim o seu tema: “Na personagem principal penso que está personificada a solidão humana. Ao nível mais pessoal, a própria construção do filme é uma solidão artística. Mas, em termos gerais, acho que é um filme sobre os esquecidos, os que ficam para trás, os que erram, os que não têm alternativa. O filme acaba por ser uma vida, do nascimento ao envelhecimento, com mudanças de ritmo, vertigens e a paragem final no deserto: escurece e a natureza toma conta disto tudo. É a árvore que levanta o Homem. Às vezes esquecemo-nos que somos parte da natureza, tal como somos parte da política.” De facto, a imagem da árvore regressa, digamos assim, enquanto personagem, quase dez anos depois da sua curta-metragem de estreia, **El castigo**, filme que nos deixa a engolir em seco, isto é dizer: vulneráveis a ponto de nos abrir uma ferida interior por onde, depois, vão fluir os desenhos-rio **Paths of Light** e **Nós**.

Nessa obra de estreia, realizada na sequência de uma formação de Nelson em Barcelona, a árvore é o coprotagonista, numa fábula, filmada em *stop-motion*, que começa nesse referido ato de mostrar o gesto – o trabalho cosmogónico – de gerar um mundo através da animação: eleva-se, assim, um frágil mundo em cartão – a fragilidade está na própria matéria deste mundo – e vemos uma menina, também em cartão, que chora o triste estado da sua plantinha, tão seca e tão murcha que está... A pobre mostra-se incapaz de cumprir a sua função de dar cor e vida à secretária e ao quarto e ao mundo da menina. Ela tem razões para chorar e, com isso, molhar o seu rosto de cartão. Com essas mesmas lágrimas, a menina encontra uma espécie de “elixir da vida”, regando – e vivificando – a plantinha meia morta com a matéria líquida que sinaliza a sua tristeza. A curta-metragem parecia versar sobre um certo amor à Natureza, mas, acabando por afirmar de maneira quase terrível a sua força soberana contra a insignificância humana (das nossas lágrimas e estados de alma), o final abrupto torna bem mais áspera a “moral da história”, deixando-nos como que secos por dentro.

A verdade é que, como disse Nelson a propósito do seu último filme, **Nós**, a Natureza, no final, tomará conta disto tudo. Não se trata de uma visão catastrofista da relação Homem-Natureza, antes de uma lição sobre a natureza dos seres, como aquela alegoria, contada por Orson Welles em **Mr. Arkadin** (1955), do escorpião e da rã – a segunda acede ao pedido do primeiro para atravessar o rio nas suas costas, mas aquele acaba por lhe espetar o ferrão, explicando-se, perante o choque da rã, que essa é a sua natureza. A natureza da árvore ditava que esta “retribuísse” o facto de estar viva devorando quem, com laborioso amor, lhe ofereceu as suas lágrimas como poções mágicas. Imaginamos como a animação também possa significar isso: essa coisa bela, mas monstruosa, que devora a alma de quem abnegadamente trabalha para ela, trabalha nela, em regime de cativo artístico. “Apodera-se de ti, é mais forte do que tu. Não podes descansar até acabar. Se não fazes, sentes-te uma merda”, complementa Nelson na referida entrevista.

El castigo, nos seus materiais frágeis e mundanos, mas também no seu tom inesperadamente agreste, faz-me pensar nos mais orgânicos filmes de *stop-motion* que o cinema nos ofereceu, nomeadamente de Ladislav Starevich (autor russo, misto de mágico com entomologista, que usava insetos como modelos para as suas espetaculares fábulas históricas), ainda que os tons cinzentos e castanhos da paleta do filme me remetam para a animação magistral da escola checa, de um Jiří Barta ou de um Jan Švankmajer. No entanto, Nelson aponta como referências no campo da animação Hayao Miyazaki, Walt Disney e René Laloux (**La Planète Sauvage** [1973], fábula *sci-fi*, feita em conjunto com uma vasta equipa de colaboradores checos, sobre uma humanidade adestrada por seres gigantes, é um dos seus filmes favoritos), o que faz sentido se atentarmos na maneira como os seus dois filmes subsequentes aqui mostrados “fluem”, quase apetece dizer, “viajam” no tempo e no espaço, não conhecendo fronteiras estanques, fazendo vir à superfície ou desenterrando de um qualquer lugar imaginário (ora lembrado, ora esquecido) figuras mais ou menos reconhecíveis desta nossa humanidade condenada pela natureza que a habita ou encarada, de maneira soberana, pela Natureza que a rodeia.

Luís Mendonça